

Cristiana de Lima Tomaz Abrantes participou do PROFHISTÓRIA (Entrega do memorial – 03/2018)

Memorial

Cristiana de Lima Tomaz Abrantes¹

Formei-me em 2004 na Universidade Gama Filho, e fiz o concurso da Seeduc/RJ nesse mesmo ano. Apesar de ter sido aprovada e classificada, a governadora da época, Rosinha Garotinho, não chamou ninguém. Em 2007, o governador Sérgio Cabral tomou posse - e apesar de ser um político e governante muito criticado, inclusive por mim - preciso assumir que foi ele quem chamou os concursados para a educação e fez vários outros concursos. Então, em fevereiro de 2007, entro em sala de aula depois de mais de dois anos em casa, cuidando dos meus filhos, insegura e ansiosa.

Lembro como se fosse hoje minha primeira aula como regente de turma. Já havia começado o ano letivo e a turma tinha tido duas semanas de aula com outra professora. Não recebi nenhuma orientação nem da Seeduc, nem pela direção da escola, só descobri as séries no dia em que entrei na sala de aula, foi tudo muito rápido. Era um 8º ano do ensino fundamental, e no caderno deles havia um exercício a ser corrigido sobre Revolução Inglesa. Todos em silêncio olhando para mim, e eu simplesmente paralisada, não lembrava nada sobre Revolução Inglesa, não tinham me dado o livro didático e eu estava em pânico. Resolvi deixar o exercício de lado, coloquei a turma em círculo e fomos nos apresentar. Logo tocou o sinal, tomei um susto, entrei em outra sala, fiz a mesma dinâmica de apresentação o dia todo. Quando as aulas acabaram, fui até a direção e fiz mil perguntas, que tiveram como resposta: professora, não tem livro didático, não tem biblioteca, não tem planejamento, faça o que quiser e puder! Pânico total!!!! Essa escola estadual fica em Austin, Nova Iguaçu. Na sala dos professores, descobri que a carência era muito grande, não havia professores de muitas disciplinas, os alunos só tinham aulas de ciências, português, geografia e então, história. Mesmo assim, os professores que lá trabalhavam, não davam conta de todas as turmas, ou seja, uma turma tinha aula de ciência e português, a outra de português e geografia e assim por diante. A merenda era de péssima qualidade, as turmas eram pequenas, e prevalecia

¹ Graduada em História pela UGF, pós-graduada em Orientação Educacional pela UGF, mestranda em Mestrado Profissional de Ensino de História pela UERJ. Professora da Rede Estadual do Rio de Janeiro.

um silêncio que não é comum em uma escola. Eram apenas sete salas, e só havia ensino fundamental. Meus colegas estavam desestimulados, adaptados e inertes. Eu mais ouvia do que falava, queria aprender, saber como funcionava a escola. Eles riam de mim, e diziam que meu entusiasmo logo iria passar. Eu me sentia perdida e sozinha.

Decidi que precisava de ajuda, que voltaria a estudar, e entrei numa pós-graduação em “Brasil pós 30” na UFF. Fiquei um tempo na pós, mas logo percebi que o foco não era a sala de aula e desisti. Resolvi cursar uma pós em Orientação Educacional, na UGF, e fui estudar sobre educação, principalmente didática. Essa pós-graduação, em nível *lato sensu*, me ajudou muito, pois achei ajuda para melhorar minhas aulas, refletindo sobre minha prática, apoiada em teorias pedagógicas e psicológica. Meu trabalho de conclusão final teve como tema “A Indisciplina Escolar”, o que possibilitou uma vasta pesquisa sobre as causas da indisciplina, me fazendo entender meu aluno, e até mesmo mudando minha visão sobre o que é indisciplina.

Em 2008, com a criação do Fundeb, livros didáticos e materiais de apoio chegaram à escola. Envolvi-me na preparação e execução de projetos como a criação de um jornal escolar, inauguração da biblioteca, formação de grêmio estudantil e de reuniões pedagógicas regulares. Envolvi-me com a comunidade, participava de reuniões de pais, e fiz, por conta própria um PPP (projeto político pedagógico) para a escola. Em 2008, não havia conseguido ajuda de outros professores para fazer o PPP, só tinha ajuda e participação de alunos e alguns pais. Mas em 2009, com a entrada de outros professores, para minha alegria, o PPP foi feito com o envolvimento de quase todos.

Com o fim das eleições para a escolha da direção escolar, a diretora que já estava à frente dessa escola há 20 anos (o que era horrível, parecia um feudo!), saiu. A nova diretora, que estava cheia de vontade de trabalho, o que deixou a todos animados, logo se mostrou centralizadora, excluindo nossa participação nas decisões importantes para a escola. Eu e outros professores - não sei se por coincidência eram todos de humanas - formamos uma frente de resistência a ela. Alguns como penalidade, foram transferidos, e me vi sozinha de novo nessa luta.

Ingressei na graduação em Ciências Sociais na Uerj em 2009, cursei dois anos, aprendi muito sobre sociologia, antropologia e ciência política. Mas, como em 2011 meu casamento chegou ao fim, com duas matrículas, filhos e tendo que pegar turmas extras para aumentar meu orçamento, fiquei sem tempo e muito cansada, vindo a trancar o curso.

Em 2010 assumi minha segunda matrícula no Estado do Rio de Janeiro, e como já amava a comunidade de Austin, escolhi outra escola nessa região. A segunda escola era totalmente diferente da primeira, apesar de também pequena, com 11 salas, era reformada, não faltava professores, as turmas eram cheias, os alunos alegres, os professores entusiasmados, a direção democrática, eu me sentia no céu! Claro que também havia problemas, mas isso eu só percebi com o tempo e convívio. Como todo início, cheguei de “mansinho”, percebendo o funcionamento e conhecendo as pessoas. O que marcou meu ano nessa escola foi um projeto chamado CPNVA, Conselho Permanente Pela Não Violência Ativa, que é um projeto argentino criado por um grupo humanista inspirado por Mario Rodrigues Luis Cobos, o Silo. Esse projeto se expandiu pelo Peru, México, Chile, Brasil, entre outros. Este projeto visa trabalhar com a sociedade, alunos, suas famílias e a instituição de ensino, valores a partir do respeito ao espaço do outro como ser humano e com a ideia de que a violência é algo aprendido socialmente, então a não violência também pode ser aprendida. Minha escola, C.E. São Judas Tadeu, foi a pioneira do projeto no Brasil, e participar do CPNVA foi um exercício de constante aprendizagem e satisfação.

A correria do dia a dia do professor de escola pública e/ou particular é tão desgastante, muitas aulas, pouco tempo para planejamento, falta de apoio, o sinal tocando a cada 50 minutos informando que tem que se mudar de turma, sair de uma aula de Egito Antigo, ouvir o sinal, aula de Expansão Marítima, sinal, aula de Governo Vargas, sinal, Colonização da América Espanhola, etc., tudo isso gerando com que eu entrasse no automático. Nesses momentos despejava conteúdo nos alunos, quando eu estava muito cansada para aula expositiva, me prendia no livro didático até ouvir o último sinal sonoro do dia. Eu estava virando a professora que não queria ser, uma professora que não queria ter, caso fosse minha aluna. Caí em depressão.

A primeira greve que participei foi em 2011, foi uma greve longa, cerca de três meses. Participar das assembleias do Sepe, sindicato dos professores do Rio de Janeiro, foi uma boa experiência. Dos meus colegas de escola, só três me acompanharam, mas quando eu estava nas passeatas, nos atos, sentia que representava toda a classe, mesmo os que lá não estavam por diversos motivos. A percepção de que a classe era muito heterogênea e desunida, me angustiava. Eu sentia que se dialogassem mais, se todos tivessem a noção de que juntos somos fortes, de que somos importantes para a sociedade, podíamos mudar a realidade da educação. Esse sonho ainda carrego dentro de mim.

Ser professora de História e Sociologia em 2013 foi uma das melhores experiências da minha vida. As jornadas de junho, onde pessoas em várias regiões do Brasil foram às ruas, inicialmente por causa do aumento da passagem de ônibus, mas depois por muitas inquietações e descontentamentos que foram gritados, foram temas de muitas aulas. Eu e meus alunos tentávamos entender o que estava acontecendo ao mesmo tempo em que participamos das manifestações. Fui para as ruas com muitos deles, que vinham da Baixada Fluminense de trem até a Central. Tínhamos a clara noção de que estávamos participando da história do país. Nas aulas, pesquisamos as teorias anarquistas de Bakunin, Kropotkin, Proudhon e Stirner. E em agosto de 2013, nova greve. Confesso que esse ano resgatou em mim a vontade de ser a professora que sonhava em ser, crítica de si mesmo, que enxerga nos alunos pares, que vê na educação a mudança real e possível, o caminho para uma sociedade com cidadãos conscientes, plenos, críticos e emancipados.

As ideias anarquistas me fizeram desacreditar no sistema educacional, no currículo, na escola, na relação professor e aluno, pautada em hierarquia. Passei a enxergar a escola como uma instituição social de repetição e controle. Mas eu fazia parte desse processo, e resolvi agir com desobediência, parei de seguir o currículo (lista de conteúdos), não avaliava através de provas, levava aos meus alunos temas para debates e a todo momento dizia a eles que o conhecimento estava em vários lugares, não necessariamente na escola. O problema era que muitos dos meus alunos queriam fazer o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio que dá acesso ao ensino superior) e seguir o currículo era uma necessidade. Eu não poderia ser egoísta e negar a eles uma chance. Novamente minha prática foi colocada em xeque e voltei a seguir o currículo prescrito pela SEEDUC/RJ me sentindo uma “transmissora” de conhecimentos previamente adquiridos. As palavras de Paulo Freire não saíam da minha mente:

Ao reconhecer que, precisamente porque nos tornamos seres capazes de observar, de comparar, de avaliar, de escolher, de decidir, de intervir, de romper, de optar, nos fizemos seres éticos e se abriu para nós a *probabilidade* de *transgredir* a ética, jamais poderia aceitar a *transgressão* como um *direito*, mas como uma *possibilidade*. Possibilidade contra que devemos lutar e não diante da qual cruzar os braços. Daí a minha recusa rigorosa aos fatalismos “quietistas” que terminam por absorver as transgressões éticas em lugar de condená-las. Não posso viver conivente de uma ordem perversa, irresponsabilizando-a por sua malvadez, ao atribuir a “forças cegas” e imponderáveis os danos por elas causados aos seres humanos. (FREIRE, 1996,

p. 100 e 101)

Novas análises, mais reflexão sobre minha função de professora, mais convicção de que a educação é o principal caminho para a transformação da sociedade, me levaram a um olhar mais positivo em relação à escola. Passei a perceber que eu não deveria negar a função transformadora que a escola tem por natureza, mas sim, me esforçar para movimentar essas forças transformadoras.

Então conciliar o currículo com projetos foi a solução que eu encontrei. Desenvolvemos vários projetos, um dos meus preferidos é o “Ler e criar é só começar”, onde produzimos um livro chamado “Percurso livre” em 2012 com textos de vários alunos, professores e pessoal de apoio. Outro projeto realizado foi um resgate da história da comunidade de Austin, Nova Iguaçu, onde alunos em grupos foram às ruas com os celulares nas mãos entrevistando os moradores mais antigos, depois de editados, os trabalhos foram exibidos para toda a escola em 2014. Também fundamos o grêmio estudantil, auxiliando os alunos, porém deixando todo o processo eleitoral por conta deles. Formamos o conselho escolar, com participação de representantes dos alunos, professores, pessoal de apoio, pais e comunidade, e todas as decisões da direção passam pela aprovação do conselho, que também fiscaliza as contas, sugere novos projetos e discute todas as necessidades da escola. Mudamos as avaliações da escola, e incluímos a auto avaliação. Compramos jogos como totó e ping-pong para o pátio. E nesse momento estamos desenvolvendo um projeto para melhorar a alimentação dos alunos, pois percebemos que os legumes e as frutas são preteridos e sempre sobram. Levei minha outra matrícula para lá e hoje só trabalho nesta escola. A atual crise que o Estado tem vivido está prejudicando muito a rotina escolar, faltam funcionários, manutenção, atrasos de salários. Os sistemas de controle externo, como avaliação (Saerj)², currículo mínimo, também afetam diretamente nosso cotidiano. E desta forma, vivenciando tudo isso, me torno professora todos os dias.

Desta forma, percebi que um professor se faz no cotidiano da sala de aula, no chão da escola também. Refletir sobre nossa prática faz surgir um real conhecimento, analisando teorias e práticas, aplicando métodos, adequando teoria à prática. É assim que nós - professores de história da educação básica – junto com nossos alunos produzimos saberes importantes para a construção dos saberes históricos em sala de aula.

² Sistema de Avaliação da Educação do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=843535>. Consulta em 05 de março de 2017.

